



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 1
jan-abr.2024
p. 45-71

“Pane no sistema”: discutindo a não binariedade e o protagonismo trans nas redes sociais

(“Pane no sistema”: discussing non binarity and trans protagonism on social media)

(“Pane no sistema”: discutiendo la no binariedad y el protagonismo trans en las redes sociales)

HBlynda Morais¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar cinco perfis da rede social Instagram com produção de conteúdos acerca da comunidade não binária. Os perfis utilizados foram: Coletivo Trans Não-Binária (@coletivotransnaobinarie), Resistência Não-Binária (@resistenciaobinaria), Ser Não-Binário (@sernaobinario), Nick Nagari (@nicknagari) e Mar Facciolla (@mardemar.nb); todos eles analisados entre 2021-2022. Essa investigação permite entender como a articulação deste movimento tem criado suas rotas de fuga, subvertendo as armadilhas do CISTema, com o qual rompem, colaborando com o protagonismo trans nas redes. Aqui, debato até que ponto conseguimos cruzar a História com a não binariedade, compreendendo as disputas que há nas narrativas e nos discursos para que construamos histórias não binárias ou uma História da não binariedade no Brasil. Utilizo como aporte teórico: Cristiane Dias (2018), Maria Lugones (2014), Guacira Lopes Louro (2004), Megg Rayara Gomes de Oliveira (2020), Jota Mombaça (2021), Leticia Nascimento (2021), Fernando Seffner (2021), atrelada à Autobiografia (Thalys Mann, 2020) como ferramenta metodológica e minha escrevivência enquanto pessoa não binária para construção das narrativas. Assim, pretendo contribuir ao campo historiográfico dos estudos trans no nosso país.

PALAVRAS-CHAVES: História; Redes sociais; Comunidade Não binária; Cistema; Protagonismo trans.

Abstract: The present article analyze five profiles of the social network instagram with content production about the Non Binary community. The profiles used were: Coletivo Trans Não-Binária (@coletivotransnaobinarie), Resistência Não Binária (@resistenciaobinaria), Ser Não Binário (@sernaobinario), Nick Nagari (@nicknagari) e Mar Facciolla (@mardemar.nb); all of them analyzed between 2021-2022. I understand that the articulation of this movement has created its escape routes, subverting the traps of the CISTem and breaking, with which they break, through to trans protagonism through the networks. Here, I debate to what extent we have managed to cross history with non binarity, understanding the disputes that exist in the narratives and discourses for us to build non binary histories or a History of non binarity in Brazil. I use the theoretical contributions of Cristiane Dias (2018), Maria Lugones (2014), Guacira Lopes Louro (2004), Megg Rayara Gomes de Oliveira (2020), Jota Mombaça (2021), Leticia Nascimento (2021), and Fernando Seffner (2021), linked to Autobiography (THALYS MANN, 2020) as a methodological tool and to my writing as a non binary person. Therefore, I aim to contribute to the historiographical field of trans studies in our country.

Keywords: History; Social Networks; Non binary Community; Cistema; Trans protagonism.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo analizar cinco perfiles de la red social Instagram que producen contenido sobre la comunidad no binaria. Los perfiles utilizados fueron: Coletivo Trans Não-Binária (@coletivotransnaobinarie), Resistência Não-Binária (@resistenciaobinaria), Ser Não-Binário (@sernaobinario), Nick Nagari (@nicknagari) y Mar Facciolla (@mardemar.nb); todos ellos analizados entre 2021 y 2022. Esta investigación nos permite entender cómo la articulación de este movimiento ha creado sus rutas de escape, subvirtiendo las trampas del CISTema, del cual se alejan, colaborando con el protagonismo trans en las redes sociales. Aquí debato hasta qué punto podemos cruzar la Historia con la no binariedad, comprendiendo las disputas que existen en las narrativas y los discursos para construir historias no binarias o una Historia de la no binariedad en Brasil. Utilizo como apoyo teórico a Cristiane Dias (2018), Maria Lugones (2014), Guacira Lopes Louro (2004), Megg Rayara Gomes de Oliveira (2020), Jota Mombaça (2021), Leticia Nascimento (2021), Fernando Seffner (2021), junto con Autobiografía (Thalys Mann, 2020) como herramienta metodológica y mi propia experiencia como persona no binaria para construir las narrativas. Así, pretendo contribuir al campo historiográfico de los estudios trans en nuestro país.

Palabras clave: Historia; Redes sociales; Comunidad no binaria; CISTema; Protagonismo trans.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da UFPE. E-mail: hblyndamorais@gmail.com



Pane no sistema, alguém me desconfigurou
 Aonde estão meus olhos de robô?
 Eu não sabia, eu não tinha percebido
 Eu sempre achei que era vivo
 Parafuso fluido em lugar de articulação
 Até achava que aqui batia um coração
 Nada é orgânico, é tudo programado
 E eu achando que tinha me libertado,
 Mas lá vem eles novamente e eu sei o que vão fazer: Reinstalar o sistema.

(Admirável [...], 2016, 16 s)

1 Declaro-me em estado de desobediência

Por que sou levada a escrever? (...) Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal-escritas sobre mim, sobre você (...) Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2000, p. 232).

Desobedecer. Transgredir. Ser contrária. Não tolerar. Ser Ofensiva. Partimos do princípio que ser uma pessoa trans, é ser uma desertora do gênero, aquela que quebra as expectativas dadas ao nascimento e a cartilha que supostamente nos dão para viver. Assim, ser desobediente para as formações da Cisgeneridade é correr o risco do aniquilamento por ser aquela que borra a fronteira do “biológico”.

Para isso, tentar pensar sobre os estudos de gênero e sexualidade no Brasil, principalmente no momento atual em que todes² estão sendo afetadas de múltiplas formas, torna-se a base de muito esforço e esperança de que tempos melhores virão. E por isso é necessário que se escreva, que se elabore reflexões e proposições, para assim avançarmos. É me sustentando no que Anzaldúa fala, na epígrafe desta introdução, que continuarei a escrever. E abro-me um pouco para me fazer TRANSbordar pelas páginas seguintes relatando um pouco das minhas escrevivências negra, gorda e não-binária, reconhecendo essa parte mulher que antes ficara guardada e não via a rainha que era.

Um dia, vivi a ilusão
 De que ser homem bastaria
 Que o mundo masculino
 Tudo me daria
 Do que eu quisesse ter

Que nada
 Minha porção mulher
 Que até então se resguardara
 É a porção melhor
 Que trago em mim agora
 É que me faz viver

(Super-homem, 1979, 21 s)

² A linguagem não binária constitui parte intrínseca desta pesquisa será utilizada em algumas passagens da discussão aqui proposta, como forma de disrupção da linguagem (Cassiano, 2023).



Minha mãe quem dizia
Não existe herói, te criei rainha
Não dê espaço pra quem não sabe lidar com as bem resolvidas.

(Perdão, 2019, 2 min 19 s)

Esta é uma parte de mim que resolvi não mais calar, pois é ela quem dá sentido ao meu viver e que, portanto, quando pensamos a não binariedade, “um termo guarda-chuva e pode compreender pessoas trans, pessoas de gênero fluido, pessoas intersexo, pessoas agênero ou simplesmente qualquer pessoa que não se sinta contemplada pelo binarismo” (Ostruca *et al.*, 2021) é se contrapor às narrativas de apagamento e historicídios relegadas há muito tempo à população transgênera, um não direito de existência (Jesus, 2010). O Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis, além de liderar esse ranking por mais de 13 anos, segundo relatório da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Benevides, 2022).

A anormalidade que se coloca sob as corpas binárias e não binárias, é cruel e dizimadora de vidas, recai muitas vezes num lugar de ser “um defeito” (Oliveira, 2021, p.5). Baseando-se em Fernando Seffner, “O outro não é alguém apenas que pensa diferente de mim; é alguém que é tratado como inimigo e, portanto, deve ser eliminado para que eu possa viver” (Seffner, 2021, p. 433).

2 Por que eu não posso ser o que eu quero ser?

Compreendendo que as corpas são livres, o binômio masculino/feminino apresenta fissuras nesses espaços que se abrem, para onde volto o meu olhar, propondo uma ruptura de pensamentos binários, que debata as ordens sociais tidas como convencionais, propondo uma compreensão de que as corpas estão além das classificações biologizantes sobre corpo, através da cis-heteronormatividade, pois, “nem todo corpo, nem toda forma de viver o gênero, pode ser explicada ou pode ser incluída na lógica binária” (Balthazar, 2020, p. 19). Numa perspectiva que se baseia em Butler, segundo a qual deve-se entender gênero enquanto o conjunto dos atos performáticos, transcendendo os dogmas do binarismo, da pré-discursividade, da naturalização do sexo e estabilização da identidade (Butler, 2003). Neste sentido, também:

É possível observar os limites e borrões entre a descrição de histórias de vidas enquanto elaboração de um quadro em movimento que a todo tempo pergunta quem é travesti, quem é trans e o que seria drag? O que as difere? Quem pode dizer: tire a barba para ser mulher? Quem pode determinar a quantidade de maquiagem sobre a pele que um corpo travesti apresenta? Quem pode dizer a alguém que ela não é travesti, senão ela mesma? Quem pode autoidentificar alguém? (York, *et al.*, 2020, p.3)

Seguindo o pensamento da autodeterminação (Amanda, 2021; Maranhão Filho, 2012), trago minha vivência de ser uma pessoa alta, gorda e peluda, na qual já recebi muitos julgamentos,



por conta de as pessoas não visualizarem uma feminilidade em mim. Pois ser peluda não é uma característica dentro do que se espera para uma pessoa feminina³, desobedecendo as “regras” e infringindo a estética, deixo a barba e os pelos das costas e peito à mostra, quebrando a expectativa do “ser feminino” e vivendo a minha feminilidade plural.

Com isso, percebo que as expectativas frustradas por nossos corpos não binários representam a quebra de um padrão ideal, logo, são colocados alguns entraves quanto a não binariedade⁴ com a “desculpa” de uma “não compreensão” e “falta de organização política”, que está em articulação para com os nossos direitos e pautas. Diante disso, sigo tateando nas margens, como espaço de (re) existência e através dela multiplicando as pequenas conquistas, experienciando meu corpo como tecnologia, mostra e quebrada (Mombaça, 2021) e também como fracasso, parafraseando Linn da Quebrada (2022) ‘eu trabalho com o erro, com a falha, com o fracasso, eu sou o fracasso, eu fracassei, sou o fracasso de tudo aquilo que esperavam que eu fosse, não sou homem, não sou mulher, *sou não-binária*’⁵.

3 Nem homem nem mulher⁶

Encontrando forças para cada dia afirmar quem sou, sigo pulando obstáculos e driblando as barreiras erguidas do gênero, mas entendendo que “a vida não é binária. Ela não se enquadra dentro daquilo que compreendemos a partir da binariedade que convencionamos sobre a realidade” (Melo, 2021, p. 1).

Desta forma, pensar sobre pessoas não binárias⁷ (Ostruca *et al.*, 2021), é pensar nas vidas que reivindicam o direito de ser quem são, de fluir por um gênero ou não, de causar o estranhamento, de querer quebrar as normas e não querer fazer parte desta divisão binária, pois, “performamos o tempo todo não só pessoas trans, todes possuímos identidades fictícias, frágeis, mutáveis” (Nascimento, C., 2021). Portanto, essa realidade encontra força no poema de Thiago

3 Muitas correntes do feminismo hoje debatem sobre o corpo feminino ser livre em todas as suas possibilidades e expressões. Deixando os pelos livres para seu crescimento e liberdade de querer aparar, depilar ou não. E ter pelos não quer dizer que alguém é menos higiênico, isso é um discurso falacioso, criado para dizer que um corpo liso apresenta maior limpeza e aparência de beleza.

4 Para que não haja repetição, deixando o texto cansativo, teremos variações nas formas de falar da não binariedade, que são: NB, não binários, pessoas não binárias, comunidade não binárias.

5 Fala de apresentação da cantora Linn da Quebrada no BBB 2022; a parte que sofreu alteração foi no final, trazendo para minha realidade como pessoa não binária, mas segue o texto dito por ela na íntegra “ eu trabalho com o erro, com a falha, com o fracasso, eu sou o fracasso, eu fracassei, sou o fracasso de tudo aquilo que esperavam que eu fosse, não sou homem, não sou mulher, sou travesti”.

6 Inspirado no artigo de Gabby Hartemann, “Nem ela nem ele: Por uma arqueologia (Trans) além do binário. Revista de Arqueologia Pública. Campinas, SP. v.13 n.1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8654589>.

7 Live realizada pela ABRALIN, com Iran Ferreira de Melo, Nai Monteiro, Manu Rodrigues e Richard Fernandes. Sendo este pensamento discutido pela Nai Monteiro. Disponível em: ABRALIN. Linguagem não binária: potências, limites e caracterização. (Live YouTube) Moderador : Iran Ferreira de Melo; Participantes: Nai Monteiro, Manu Rodrigues e Richard Fernandes. 2021.



Odara, que diz:

Era assim que ele se via
 era assim que ela se sentia
 num mundo onde dois é número primo, único, sem volta maldito binarismo - pensava.
 ele não era homem
 ela não era mulher
 às vezes ele às vezes ela
 sei lá...
 feminino X masculino
 estereótipo de gênero
 ela não sabia o que era
 ele não sabia o que queria ser
 acho que não queria ser nada
 ou talvez quisesse ser tudo
 mas tudo é relativo e o nada? bem, ele também é.
 mas quem foi que disse que pra ser gente você tem que ser homem ou mulher?
 ele não era mulher
 ela não era homem
 era como uma mistura de tintas
 talvez lilas
 azul com rosa
 assim mesmo, meio homem e meio mulher
 ou talvez fosse branco, uma mistura de tudo um pouco
 era assim que se sentia, nem homem e nem mulher...
 Ser humano.

(Odara, 2021)⁸

Através do poema de Thiago Odara, podemos conhecer reverberações de fluxos do que é esperado para o feminino e masculino, tendo em vista umas das questões deste artigo é visualizar Histórias não binárias e dentro do ramo da História possuímos poucas produções, encontrando mais pesquisas no campo das Letras, com a discussão sobre a Neolinguagem/ Linguagem Não Binária⁹.

Temos uma série de projetos de lei inconstitucionais que vem ganhando paulatinamente projeção nacional, hoje está em torno de 34 (Figueiredo; Malvezzi, 2021), como a criada pelo deputado Fred Ferreira (Partido Social Cristão) pela abolição e proibição do uso de linguagem neutra em escolas, votada em primeira instância em maio de 2022. Na qual se acredita que isto levaria à desconstrução dos papéis de gênero tradicionais, e, por conseguinte, da família e se alastraria dentro dos ambientes educacionais, através de um heteroterrorismo que persegue (Santos; Vieira; Silva, 2021). Desse modo, temos que pronomes, desinência, substantivos e aspectos linguísticos sofrem alterações a muitos e muitos anos, e por que agora causam tanto incômodo? (Pacheco; Barboza; Meira, 2021). É preciso “nomear para colonizar” (Figueiredo, 2021).

⁸ Poema de Thiago Odara, transmaculine não binário. Membro do @coletivotransnaobinario.

⁹ O professor dr.^o Iran Melo é diretor do Observatório Brasileiro de Linguagem Inclusiva de Gênero e desenvolve uma importante pesquisa sobre linguagem não-binária e a mais recente é denominada, “Deixe a minha língua lambar o que quiser: Linguagem disruptiva de gênero no Brasil. Também coordena o NUQUEER (Núcleo de Estudos Críticos do Discurso e Teoria Queer, onde há uma produção pensando a disruptão da linguagem. Podemos adicionar como referência livro: MORGADO, M. (org.). “*A Primavera Não-Binária: Protagonismo Trans não-binária no fazer científico*”. Florianópolis, 2021. (Selo Nyota). Com uma coletânea de artigos que versam sobre diversas áreas, como a psicologia, história e letras.



A colonialidade do poder (Quijano, 2005) vem justamente nos fazer tencionar sobre este nomear, e nós podemos pensar “Direito tem, quem direito anda?” (Morais, HBlynda; Silva, 2019). Rememorando a crítica que a Maria Lugones nos traz sobre o Sistema Moderno Colonial de Gênero, é de bastante interesse para pensarmos sobre as universalidades que são dadas às categorias, colocando-as em um local de ser homogêneas, atômicas e inseparáveis. E como ela bem explicita, “descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis” (Lugones, 2014, p. 940). E é na resistência que devemos residir, “é nas histórias de resistência na diferença colonial onde devemos residir, aprendendo uma sobre as outras”(Lugones, 2014, p. 940).

Com isso, até que ponto conseguimos cruzar a História com a não binariedade, entendendo que a História é lugar de disputas, que existe uma lacuna nas narrativas, um silêncio do relato. No currículo, por exemplo, temas e assuntos que por muito tempo representaram uma lacuna na historiografia, sobre os quais não existiam escritos Histórias Não Binárias ou de uma História da Não Binariedade. (Partenos, 2021).

Em tempos de acirradas disputas voltadas às políticas educacionais de gênero e sexualidade, pouco se tem pesquisado sobre transvestigeneres¹⁰. E qual é o meu papel enquanto uma bixa, preta, gorda e não binária, ao observar o questionamento sobre a fixação e rigidez que existe em relação ao binarismo de gênero e as violências sobre os sujeitos que fogem à norma? É poder evidenciar histórias que não são ditas, que tentam silenciar. Não utilizarei a máscara do silenciamento (Kilomba, 2016) e nenhum outro vai poder dizer que minha/nossa existência não é real, pois estamos criando nossos alicerces com a Rede Não Binária e grupos de ativistas, que têm produzido materiais em seus perfis/páginas no Instagram, como os perfis que serão mais a frente analisados: @coletivotransnaobinarie; @reexistenciaobinaria, @sernaobinario; @nicknagari, @mardemar.nb e tantas outras¹¹.

É a partir deste não lugar, de fuga, escape e encaixe (Favero, 2020; Maranhão, 2012; Simakawa, 2015) entre o que se acredita forjar humano, ser homem ou mulher, de visualizar que há outras possibilidades de viver, proponho investigar a não binariedade e através dos materiais coletados de páginas do Instagram, buscar compreender como o Movimento Não Binário tem se articulado para fortalecimento de suas pautas, as reivindicações que vêm sendo feitas em prol

10 Segundo Jesus (2018), o termo foi criado pelas ativistas Érika Hilton e Indianare Alves Siqueira, ao se referirem coletivamente a pessoas transexuais, travestis e transgêneras. O utilizo por entender a Não-Binariedade dentro das Transgeneridades.

11 Temos @Pofbaimonteiro; @Bryannasck; @Apenascup; @Oltiel; @Jonasmaria; @Senhoramar; @Dri_azevedo; @Mx.deran; @Breakthebinary; @Belezanbbr; @Generofluidobr; @Betafala; @Jupi77er; @Souguigrossi; @Efegodoy; @Emkawondra; @Eujuliovictor; @Vinciaprado; @Arca1000000; @Koendanai; @Jvn e @Pedrovinciusnb. E vários outros que pudemos encontrar.



da Linguagem Não binária, a mudança no registro civil¹², e principalmente, o reconhecimento da nossa existência. O engajamento que essas publicações vêm desenvolvendo com a criação de conteúdos, dará a oportunidade para as pessoas terem acesso, ampliar sua visão de mundo e poder enxergar, falamos sobre suas/nossas vidas, sujeitos que não se reconhecem no binarismo e querem poder existir livremente, não entrando para as estatísticas de assassinato e silenciamento de suas vozes.

4 Eu, elus e as páginas

É urgente para alguns corpos relatar as suas realidades, considerando intensidades sensitivas, vozes e escutas, tensões e paralisias. A possibilidade de escrita sobre minhas vivências e epistemes aglutinam-se às ancestralidades das que já lutaram muito antes de mim [...] Sei que foi duro para que todas elas existissem e construíssem os seus corpos para que eu hoje tivesse alguns direitos e algumas possibilidades de vivência. (Lustosa, 2016, p.389)

Este artigo é tecido por outras que vieram antes de mim, que abriram caminhos, disputaram espaços de poder, arrombaram portas e com suas giletes ameaçaram aqueles que queriam nossa morte. Portanto, fazemos conjuração por aquelas que construíram esse movimento e por aquelas que hão de nascer. Será agora de “Trans pra frente” (Leal, 2021).

Por isso, tão urgente relatar sobre nossas realidades e com a crescente popularização que as redes sociais têm vertiginosamente alcançado (Ostruca *et al.*, 2021) em cada clique e compartilhamento, as páginas somadas a esse conjunto vêm como espaço para criação de conteúdos, sendo um palco de possibilidades desde a própria publicação, aos storys e reels, ferramentas ofertadas pelo Instagram; elas dinamizam a plataforma e atraem os olhares dos mais diferentes públicos. “E quando o arquivo é o sujeito?” (Dias, 2018, p. 67). Pergunta esta feita pela Cristiane Dias, nos possibilita compreender “que a tecnologia faz parte dos modos de existência do sujeito e, portanto, da produção dos afetos” (Dias, 2018, p.73). Desta forma, ao olhar para as páginas encontramos histórias de vida, produção de sentidos não normativos que fazem diferença na vida dos que produzem materiais para as redes, e aos que consomem alimentando essa produção dos afetos. Este é o caminho que trilharemos tentando reflorestar conceitos que já conhecemos e analisar suas readequações ou reapropriações.

Com isso, torna-se fonte para pesquisa e investigação dos materiais criados, possibilitando entender em que medida as postagens criadas nos ajudam a enxergar a discussão de temas/assuntos que sofrem processos de invisibilização, que não estão nos cânones da historiografia, dentro do

¹² Temos cinco não binários que conseguiram através de ação judicial obter a retificação do registro civil. A primeira foi Aoi Berriel no Rio de Janeiro (2021); depois tivemos no Piauí Jamil; Idris, em Santa Catarina; e Charlie e Júpiter no Rio Grande do Sul.



considerado científico, mas que estão produzindo saberes outros e gerando discussões qualificadas.

Partindo de uma escrita de si, na luta contra a hegemonia que habita nos formatos dos textos acadêmicos, proponho conduzir as narrativas na contramão, laçada, sobre Autobiografia (Pandolfo *et al.*, 2020) termo cunhado por Thallyz Mann. Pois, acredito que esse engessamento que a academia nos condiciona nas produções textuais pede uma mudança, e aliada a Autobiografia encontro possibilidade outra de escrever narrativas que também possuem fundamentação e rigor teórico. Desta forma,

“[...] escrever sobre si é fugir de todo controle que a gente pensa que tem, né, e também é você se apresentar a sua vida, que ela também acontece. Então é um acontecimento inaugural escrever a sua própria vida, é um acontecimento inaugural, porque você também se descobre, ali o momento da narrativa, são outras perspectivas, é um outro eu ali, que ta posto” ((Pandolfo *et al.*, 2020, 27 min 12 s).¹³

Como recurso metodológico será utilizado também a Netnografia para pensar nessa produção feita das/nas redes sociais. Se entrecruzando a Autobiografia com “segredos-vivências” minhas a partir desse contato com as redes e perfis analisados.

“como uma das ferramentas metodológicas”, ao lado da e dando suporte à etnografia, “capazes de proporcionar o acesso dos pesquisadores da área às caracterizações específicas da contemporaneidade, sobretudo a virtualidade, a desmaterialização e a digitalização de conteúdos, formas, relacionamentos, produtos, etc” (Rocha, 2006, p. 26).

A plataforma do Instagram, foco de análise deste trabalho, é uma plataforma que se popularizou nos últimos anos fortemente, sendo espaço para interação e conversa com diferentes pessoas, tanto em nível local quanto internacional, tudo está conectado; o acesso é de fácil manuseio para qualquer pessoa, efetuando um cadastro com informações básicas e a criação de um login e senha. Realizados esses primeiros procedimentos nos permite aproximar destas que todos os dias, semanalmente ou mensalmente estão na produção do discurso digital, apresentando discussões de nomenclaturas, dados históricos do Movimento Não Binário, popularização da linguagem não binária, divulgação de cursos e oficinas; uma gama de materiais que demonstram o trabalho em querer que outras pessoas conheçam sobre as vivências não binárias e possam ter empatia. Aproveitando o poder que há nas redes, para seu uso saudável e um espaço para aprender sobre outras realidades.

Neste sentido, para análise das páginas e perfis auto-narrativos/pessoais, foram cinco as escolhidas. A primeira página é o Coletivo Trans Não Binário, coordenado por Ursula (@urservero), Tuty Veloso (@tuty_vcoura) e Thiago Odara (@eutransviado). O coletivo vem desde julho de 2020 alimentando a página com conteúdos que versam desde a discussão sobre a diferenciação

13 Fala de Thales Pereira durante a *live* sobre Autobiografia.



de gênero, sexualidade e identidade, às questões mais centrais da não binariedade ser quem você é e viver sua liberdade de identidade. Elus desenvolvem um projeto chamado “Conversas de Batatas”¹⁴ em que se discute com convidadas sobre diversos temas, dentre alguns que já foram debatidos, temos: transgeneridades e autismo; dia do orgulho LGBTQIA+; a importância do SUS; entre outros que serão mais detalhados ao longo deste artigo. Um projeto que busca aproximar outras pessoas trans e também outras que não o sejam, para que entendam da causa e o movimento de estruturação política que está em curso.

A página tem desempenhado ao longo desses anos o papel de desmistificar muitas dúvidas sobre as realidades NB, trazendo para as suas conversas nomes ligados a música, como @jupi77er, trans não binário e rapper; @aoiberriel, apresentando sobre a luta para retificação do nome e a conquista de ter em seus documentos como pessoa não binária; e na poesia com João Maria Kaisen (@poetajomaka). Essa escolha de diversificação de áreas e profissões demonstra de que podemos estar em qualquer lugar, somos aptas, temos inteligibilidade, o que nos falta é abertura de espaço para trabalhos, condições para nos manter nos estudos (Andrade, 2012), poder viver e não ser capturado pela transfobia CISTêmica (Santos, 2019).

Discorrendo ainda sobre o Coletivo Trans Não-Binária, temos outro projeto, chamado “TRANS-AFETOS”, que duas vezes ao mês realiza encontros virtuais com pessoas não binárias, binárias e travestis. Existindo um grupo no WhatsApp formado por mais de 70 pessoas em que há uma troca de afetos, partilha de experiências e fortalecimento de vínculos, pois todos os dias é relatada alguma situação que alguém sofreu uma violência transfóbica, a não aceitação de sua identidade por parte familiar, a escola que não está preparada para acolher em seu recinto um corpo trans, diversas situações que são particulares, e que mesmo de modo remoto, existem ombros e ouvidos abertos para troca de afetos. A conectividade de dores existe, mas há a potência de encontrar forças em outras manas, manes e manos, nos unindo e fortalecendo.

A segunda página a qual analisarei, é a Rexistência Não-Binária (@reexistenciaobinaria), que desde 2016 é umas das primeiras a gerar reflexões no Instagram e, desde então, tem exposto histórias de vida e os rostos de pessoas que escreveram para a página contando um pouco sobre suas vivências e experiências. É importante que saibamos os nomes destas pessoas, é algo que precisa estar na nossa prática, assim, possibilita enxergar a imagem delas. Um nome precisa de um rosto, isso ajuda a quebrar os estereótipos produzidos sobre determinadas corpes/as/os. A equipe que administra é formada por Dani Camel (@danihcamel); Ursula (@urseverso) e Brune Bonassi (@brune_bonassi).

14 Projeto criado a partir do questionamento atribuído pela sociedade, que toda pessoa não-binária já ouviu em algum momento “você é homem ou mulher?”.



Os conteúdos que são trabalhados versam muito sobre a configuração de um entendimento sobre a sigla LGBTQIAPN⁺¹⁵ e das bandeiras já criadas para simbolizar movimentos ligados à sexualidade ou à identidade de gênero. Com isso, há uma tentativa de possibilitar o entendimento de cada uma delas e propor a visualidade das cores e formatos que compõem as bandeiras. Todas elas são diferentes e foram criadas com um sentido, baseado no que determinada cor representa¹⁶.

Cada movimento tem criado suas pautas, e através desta demonstração e separação, é possível ampliar as discussões entre os que não conhecem para que possam tirar dúvidas e, aos que já possuem um entendimento da importância, disseminem para outros conhecerem.

Já a página Ser Não Binário (@sernaobinario) dentro de suas proposições há uma forma de expor as ideias através de charges e histórias em quadrinhos¹⁷. Um conteúdo que consegue atingir seus usuários e aqueles curiosos por informação, de modo mais informal, atraindo sua atenção. A forma que a página apresenta os assuntos, busca com imagens e ações das personagens evocar aos leitores a reflexão de mensagens/dizeres que passeiam pelo nosso cotidiano, habitando o imaginário da sociedade, como por exemplo: azul para meninos, rosa para meninas; carros para garotos, bonecas para garotas; estruturas propostas pelo binarismo de gênero que são amplamente utilizadas para educar crianças e ser perpetuado.

Desse modo, a produção para as redes sociais demanda tempo, organização das ideias, criação de efeitos, pensar numa escrita que dialogue com o público alvo, propor ações atrativas e que chamem a atenção, uma série de questões para avaliar e reavaliar. Diante disso, o Ser Não Binário diferente dos outros perfis que serão analisados, constrói sua narrativa num viés da animação, do que a partir de um desenho podemos construir e para além dele, qual a mensagem que fica quando o leitor passa na tela do celular ou computador para outro conteúdo e já não reflete e pensa no que viu no post anterior.

Escolhi estas três páginas para entendermos como o Movimento Não-Binário tem produzido fissuras no CISTema, e suas ferramentas visam ser de base, por mais que tenhamos mais páginas quais abordarei mais a frente, neste artigo como forma de delimitar metodologicamente a pesquisa focarei nas páginas como uma construção coletiva, atribuindo local de fomentação para alicerçar as pautas políticas. Com isso vi que era necessário também olhar para perfis que dialogavam sobre, só que de uma forma menos “institucional”, o que denominei de perfil auto-narrativo/pessoal, cujo

15 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não-Binários.

16 Encontramos alguns significados, como: Vermelho: vida; Laranja: cura; Amarelo: luz do sol; Verde: natureza; Azul: harmonia; Roxo: espírito.

17 Encontramos perfis de pessoas trans que também desenvolvem discussões a partir de suas obras ou materiais, como a Diana Salu que tem um livro chamado “*Cartas para Ninguém*” e o Lino de Arruda (@Monstrans_hq). Temos também a dissertação de VALENÇA, M. “Folhas de narrativa sequestrada”: uma proposta transfeminista para o ensino de história através da hb xica manicongo. 2022. Dissertação (Mestrado Ensino de História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Acesso em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/45243>.



foco está na pessoa que produz, e os perfis escolhidos visaram a interseccionalidade mostrando o dia a dia, a relação com amigues, trabalho, família, com compartilhamento de storys e reels.

O primeiro perfil com esse aspecto mais auto-narrativo/pessoal, é o do Nick Thomás (@nicknagari), que tem uma grande quantidade de seguidores, passando já dos 50 mil e em meio à pandemia da COVID-19 no início de 2020 utilizou o Instagram como forma de poder se comunicar com as pessoas e criar materiais que versavam sobre a não binariedade e bissexualidade.

O conteúdo digital do Nick já me chama bastante atenção por ser feito por uma pessoa gorda e preta, uma corpa que enfrenta diariamente preconceitos, por ser o que se é. E estar numa tela produzindo, sendo protagonista, é muito importante para outres que estão assistindo e se espelham de alguma forma. Ganhando força para o seu percebimento como pessoa não binária ou dissidente em sexualidade. O sentido de representatividade ecoa e faz reverberar a vitória, celebrando que outras pessoas possam chegar e também desejar discutir sobre esse assunto ou qualquer outro.

No seu Instagram percebemos as reflexões a partir de realidades vividas do seu dia a dia, criando um quadro “Conversando com Bifóbicos”. Nele são levantados diversos questionamentos do enraizamento que a sociedade tem sobre a bissexualidade. A ideia de que as pessoas gostam 50% de homem e 50% de mulheres é analisada e exposta com os estudos que têm sido produzidos, fornecendo uma visão mais ampla da própria discussão da bissexualidade, o que faz cair por terra essas concepções e também o cunho binário, que permeia essa discussão.

Ao longo de seus posts para a plataforma, a preocupação em racializar o discurso permeia todas as publicações; poder olhar o corpo preto e gordo de suas fotos levanta a potência desse corpo preto e gordo; o seu sorriso é convite para aproveitar a paisagem. Sabemos quanto se faz necessário um debate em que a raça esteja em evidência. Somos um país que foi construído a partir de um regime escravocrata, dizimando diversas vidas negras e de povos indígenas, e que mesmo findando a colonização tentou construir um apagamento sobre esses sujeitos. As mãos estão sujas de sangue e não tem como apagar esse processo cruel que o nosso povo viveu.

Já o último perfil auto-narrativo/pessoal que será analisado, é o delu, Mar Facciolla (@mardemar.nb), que como o mar com suas ondas que vão e vem e quebram à costa, discute em sua produção digital sobre saúde mental e não binariedade. Questão tão importante para pensar sobre vidas trans, pois muitas vezes são acompanhadas de processos de exclusão desde a infância, passando pelo não lugar na escola, a profissionalização e os afetos (Santos, 2019).

As suas características de corpe gorde e branco, também foram importantes para escolha da análise. Esse corpe, que muitas vezes é cercado de estigmas, uma desvalidação da produção, uma não “atratividade” para consumo de conteúdos, torna-se palco para questionar quais corpos é



que podem se lançar no mercado digital, quais interesses são postos sobre esses corpos e além do mais, qual é o olhar delineado para alguns corpos e outros não.

Em sua página, Mar preocupa-se com o ingresso de pessoas trans no mercado de trabalho e como esse local pode ser mais inclusivo e gerador de vida. Propõe como psicólogo o desenvolvimento de cursos sobre a linguagem não binária, oferecendo um serviço que busca ampliar as visões contrárias sobre corpos não binários e o direito a utilização do nome social, o reconhecimento ao direito do uso do banheiro do gênero com o qual se identifica, ser tratada com os pronomes adequados. Possibilitar que haja um ambiente como é o caso de uma empresa, sendo atravessada por diversos funcionários que seja agradável para o convívio e que o respeito à diferença possa existir.

Ao longo de suas produções, há uma preocupação com a descrição de sua fala nos vídeos que realiza, estabelecendo um cuidado para com o público que acessa suas publicações, gerando acessibilidade. Essa mesma preocupação em legendar os vídeos encontramos também no perfil de Nick Thomás. Seus conteúdos também são pensados numa linguagem de fácil leitura e entendimento, aproximando o leitor a tirar dúvidas. Um recurso utilizado de interação entre os usuários são chamadas “Caixinhas de Perguntas”. Essa é uma forma que gera a interação, mas também a possibilidade de lançar alguma pergunta específica, um desabafo ou um acontecimento.

A partir desse primeiro contato conhecendo as páginas e perfis, nos deteremos adiante sobre como cada uma tem suas dinâmicas, forma de se expressar com os seguidores, o estabelecimento de interações mais próximas ou não, a linguagem utilizada, seja nas publicações ou nos vídeos. Cada uma tem uma forma própria de apresentação com os conteúdos que trabalham e além de olhar para essa parte analítica, volto também o meu olhar que por trás da tela existem pessoas, seres humanos que estão trabalhando nesta feitura. São páginas que discutem sobre a comunidade não binária, mas que tem seu primeiro olhar é sobre vidas não binárias.

5 Afrontando e abalando: protagonismo trans nas redes

Trabalhar com as páginas nos ajuda a pensar na criação e manutenção de conteúdo para o Movimento Não Binário, no ativismo/ na rede de afetos tão importante para pessoas não binárias, foco deste trabalho, e também para as trans binárias. Desta forma, visamos enxergar o quanto importante é fortalecer a rede. Todos os dias é possível construir um degrau na escadaria que vá contra o preconceito, revolucionando nossos atos e práticas, pois seguindo a fala de um dos membros do @coletivotransnaobinarie, “nossa existência é uma revolução já! Nós não temos que fazer militância, nós já somos a militância” (Odara, 2022). Baseando-se também no discurso da



atriz da série Pose, Dominique Jackson (2019, 6 min 15 s, tradução nossa¹⁸), “[...] não se trata de dizermos a outra pessoa que, ‘eu te aceito’ ou ‘eu te tolero’, você não tem o poder de me aceitar ou tolerar. Eu tiro isso de você. Você vai me respeitar!”.

A página @coletivotransnaobinario traz justamente o pensamento de criar coletivamente as pautas, somando forças ao Movimento Não Binário que tem se mostrado resiliente à medida que há muitas dificuldades para compreensão de suas pautas. Então, é levantado na página para algumas convidadas em lives realizadas durante o ano, mas especificamente em referência ao mês de janeiro, sendo o mês da Visibilidade trans o que é visibilidade? Para alguns que não precisam ou não sabem o quão importante isso é, deixam passar. Para nós, que muitas vezes habitamos a invisibilidade, é algo marcante e de muita luta para as que vieram antes de nós e para as que vão nascer e àquelas que seguem à frente do movimento. Infelizmente, às vezes somos invisíveis por nós mesmas!.

E aqui não podemos deixar de ter um encontro com o binarismo, pois há insistência em afirmar-se através de uma lógica cartesiana de que há só duas possibilidades para as variadas esferas, sejam elas políticas, sociais e da vida em seus hábitos cotidianos, expressando-se em mal/bem, forte/fraco, homem/mulher/, azul/rosa, carro/boneca, empírico/científico. E como nós podemos produzir saberes outros que fujam desta história tradicional com métodos para ser reproduzidos sem que se provoquem contestações e perturbações em suas estruturas? Jota Mombaça em sua, *Submetodologia Indisciplinada*, vai dizer “trata-se, aqui, de tentar ser monstruosa no espaço da norma; indisciplinada no lugar da disciplina. Uma batalha inglória e arriscada, se levo em consideração os riscos de ser excluída ou capturada pela lógica do saber institucional” (Mombaça, 2021, p. 344).

Falar sobre não binariedade é complexo sim, não é algo dado, um filtro que limpa todas as camadas, e o importante é isso. Pois, cada uma tem sua diversidade. O perfil do Nick Thomás, que será abordado mais adiante aqui, diz que sua vivência, “não foi fácil nem para eu compreender, quanto mais vocês?” (Thomás, 2021). A sociedade tenta justificar seu preconceito em cima de um discurso de que há uma desinformação para compreensão de pessoas não binárias, mas hoje, em sua grande maioria, uma parcela da população tem ao menos um aparelho celular em sua residência com acesso à internet. Os telejornais divulgam matérias, há escolas que tem um professor trans ou há crianças que têm contato com alguma amiga trans. São muitas desculpas e pouca ação para mudar esse pensamento limitado. Alguns bombardeios são feitos para tentar descaracterizar o Movimento Não Binário: como lidar com a questão da aposentadoria ou alistamento militar? São

18 “[...] it is not about us saying to someone else that, ‘I accept you’ or ‘I tolerate you’, you do not have the power to accept or tolerate me. I take that from. You you will respect me”.



questões para pensarmos de outros espaços, outros locais e que não será a partir do campo binário. Isso é uma construção!

Sobre nossos vizinhos de fronteira, a Argentina, temos uma discussão interessante que converge com as pautas não binárias e sua luta por direitos, mas uma falta grave ocorreu e que por falta de diálogo, tomou-se uma decisão unilateral, acreditando ser um bem para “TODES”, na qual temos o título “Argentina regulamenta de forma arbitrária, opção “X” no campo “sexo” em documentos oficiais”¹⁹.

Para muitos o sentimento de ganho de direitos pode ser visto fortemente, e é um indicativo de vitória, haja vista as brigas judiciais em solo brasileiro, como a que ocorreu com a Aoi Berriel²⁰ (Leray, 20220). Só que fica evidente a falta de diálogo com os movimentos idealizados por pessoas não binárias, que deviam ser as mais interessadas neste quesito. Não basta haver um campo para pôr um “X” e você não se enquadrar no masculino ou feminino. Estamos falando de vidas, que a todo o momento é trazido à tona neste trabalho. Então, vamos denominar essas vidas, elas não são apenas um “X”, não querem ser vistas somente por essa perspectiva, nós somos múltiplas. E a página @coletivotransnaobinarie frisa: “é isso que acontece quando tentam deliberar sobre nossos corpos e direitos sem a nossa presença”. E uma fala da Aoi Berriel se torna pertinente ao ensejo, contando sobre seu longo e desgastante processo de retificação: “ser reduzida por conta da documentação, ela quem confere o que você é. Retificar valida a nossa existência!”.

Para pessoas trans não-binárias é existir de maneira multiforme. O sistema judiciário, o poder médico, a sociedade, a religiosidade, as instituições nos impõe um modelo universal para viver. Mas, o universal sempre será falho, pois não somos universalizadas. Ao contrário, somos diversas, múltiplas, infinites. (@coletivotransnaoinarie, 2021, Online).

Propagando sobre as narrativas de pessoas NB, quando olhamos a página @sernaobinario vemos a importância de reforçar a utilização do nome social e o respeito com os pronomes em que as pessoas usam. Isso valida nossa existência e corrobora com o que @nicknagari em seus vídeos também aborda e deixa como recado: pergunte à pessoa os pronomes que ela usa ou prefere ser chamada ou também agora para nós pessoas não binárias, quando formos nos apresentar já iniciar a conversa destacando os pronomes que utilizamos.

Uma mensagem que encontramos e revela um teor de bastante afeto, é sobre a transição de gênero quando abordada, “Você tem que se sentir confortável consigo mesmo. Se sentiu que precisa fazer a transição para estar bem consigo própria, está tudo bem, sua aparência física e expressão de gênero não invalidam a sua identidade” (@sernaobinario, 2020).

¹⁹ Neste link conseguimos ter acesso ao caso. Disponível em: <https://www.instagram.com/todescondni/>

²⁰ A longa briga judicial em que a Aoi Berriel travou na justiça, iniciando no ano de 2015 e finalizando em 2020 para conseguir a retificação em sua documentação, como pessoa não binária..



A busca pela chamada passabilidade em virtude de uma melhor aceitação e possibilidade de trabalho, amor, poder viver dignamente traz algumas questões que são importantes para refletirmos, pois você se sentir confortável é a razão maior. A página @reexistenciaobinaria vem trazer uma discussão também sobre a passabilidade cis. A busca por estar mais no espectro binário, algo que já discutimos aqui: a busca pela aceitação e reconhecimento; só que dentro desta questão temos o fato de que o processo de hormonização, cirurgia de redesignação sexual²¹, não são processos fáceis e baratos. O Brasil é um país referência para realização de cirurgias²², chegando até pessoas de outros países em busca da realização dos procedimentos, mas os custos são muito elevados e temos também casos de negligência médica.²³ O que muitos podem ver, nas redes sociais, são as vaquinhas on-line solicitando contribuições para que se ajude nos custos operatórios e no pós-operatório, pois a fila é muito grande quando se depende do processo transexualizador disponível no Sistema Único de Saúde (SUS).

A página @reexistenciaobinaria traz à tona uma questão que recai bastante quando vamos discutir sobre corpos trans: a patologização. Ser trans é possuir uma “doença”. Tendo o Código Internacional de Doenças (CID - 11 e o DSM - IV) como regulamentadores das normas e parâmetros estabelecidos para determinação dos corpos. Em 1990, a homossexualidade deixa de ser considerada uma doença, já a transexualidade só vem deixar de ser em 2018, no que Sofia Favero nos traz que a transexualidade permanece na CID - 11, não mais no rol de transtorno mental, mas como uma “incongruência de gênero”, pois garante o processo transexualizador no SUS, sendo gratuito para cuidar da saúde das pessoas trans (Favero, 2020; Nascimento, C., 2021).

Tendo em vista essa ideia de corpos-doença e a não aceitação aos corpos trans e travestis, suas vidas são compelidas a eugenia, uma tentativa de limpeza das existências, prática que no Brasil fica bem evidenciada no período da Ditadura Civil-Militar com a operação Tarântula, realizada em São Paulo (Silva, 2019; Quinalha, 2021). Neste processo em que uma varredura se aplicava, temos um marco na História da população Trans e Travestis, que ocorre quando a transexualidade entra

21 No ano de 2020 tivemos uma nova resolução do Conselho Federal de Medicina falando acerca da cirurgia de redesignação e a mudança da idade mínima para sua realização e também a questão da terapia hormonal. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/idade-minima-para-terapia-hormonal-de-transicao-de-genero-cai-para-16-anos/>

22 Nós temos cinco hospitais que são referência: “Até o momento, de acordo com o Ministério da Saúde, os únicos hospitais que podem realizar cirurgias de transgenitalização no Brasil pelo SUS são o Hospital das Clínicas de Porto Alegre, o HC da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, o HC da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, o HC da Universidade de São Paulo e o Hospital Universitário Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro”. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/especial-dia-da-visibilidade-trans-saiba-quais-sao-as-unidades-do-sus-que-realizam-hormonioterapia-e-cirurgia-de-redesignacao-sexual/#:~:text=At%C3%A9%20o%20momento%2C%20de%20acordo%20com%20o%20Minist%C3%A9rio,Hospital%20Universit%C3%A1rio%20Pedro%20Ernesto%2C%20no%20Rio%20de%20Janeiro.>

23 Em São Paulo no ano de 2021, tivemos o caso da Pernambucana Lorena Muniz, que foi realizar um procedimento de cirurgia plástica numa clínica e devido a um incêndio durante seu processo foi deixada na sala sozinha, inalando muito CO2 e vindo a óbito por negligência médica. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/brasil/2021/02/12032824-mulher-trans-pernambucana-morre-apos-incendio-em-hospital-de-sao-paulo.html>



para o rol de doenças, em 1980. Com isso, vamos ter o processo transexualizador. O médico Henry Benjamin foi um dos que construíram práticas de tratamento para a transexualidade, enquadrando o transexual “de verdade” ou não, discutindo também sobre o suicídio pela não conformidade com o gênero e a retomada de um transtorno psicológico. Berenice Bento e Pelúcio (2012) discutem sobre a despatologização e de como os manuais médicos reiteram esse ideal e pontua: “Por que diagnosticar o gênero? Quem autoriza psicólogos, psiquiatras, endocrinologistas e outras especialidades que fazem parte das equipes multidisciplinares a avaliarem as pessoas transexuais e travestis como ‘doentes’?” (Bento; Pelúcio, 2012, p. 579).

O perfil auto narrativo/pessoal de @Mardemar.nb vem trazer uma questão muito importante e que muitas vezes por falta de informação e um não debate massificado para a população em geral, nós não sabemos os nossos próprios direitos! Em uma publicação, elu traz à tona a questão da hormonização e que em muitos casos há uma dificuldade para liberação, devido à solicitação de um laudo que ateste sua capacidade para uso do hormônio. E isso é totalmente errado, colocando mais uma vez o corpo trans numa patologia, não sabendo sobre o seu corpo, conferindo a outros sua tutela. Então, Mar evidencia que tanto o Conselho Federal de Psicologia, a Associação Mundial Profissional para a Saúde Transgênero, como o Conjunto da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, atestam que o uso do laudo é incorreto. O que pode existir é o termo de consentimento livre e esclarecido em que a pessoa estará ciente da decisão do hormônio e das reações que podem ocorrer no seu corpo.

Encontramos em @reexistenciaobinaria histórias de vida de pessoas não-binárias, mostrando quem são elas, o que pensam e o recado que querem deixar para outras pessoas que acompanham a página. Às vezes, o processo de autodescoberta ou de percebimento é solitário, requer tempo, aceitação própria de tudo aquilo que está vivendo e de tudo que se deseja viver. Na música de Rico Dalasam, um trecho nos ajuda a refletir sobre esse corpo-morada, “A vida me fez flor, no mesmo corpo fez granada (Não deito [...], 2018, 31 s). E é assim que corpos trans se sentem muitas das vezes ao acordar, por que precisamos reagir às investidas de aniquilamento do nosso ser.

Adentrando ao perfil auto-narrativo/pessoal do @nickthomas enxergamos um conteúdo sobre bissexualidade e não binariedade. Nele vamos encontrar uma vasta produção destes materiais e por sentir uma falta de discussão nas redes, ele mesmo tornou-se um produtor de conteúdos para internet e aborda como se deu esse processo, “eu não acredito que EU MESMO vou ter que fazer um canal para falar sobre bissexualidade” (Thomás, 2021).

Um dos grandes desafios na vida de toda pessoa LGBTQIAPN+ é enfrentar o armário, em



muitos casos vendo-o como abrigo, um refúgio que lhe guarda das armadilhas afiadas do sistema, com o medo da rejeição, e o não querer entrar para as estatísticas, então ele ganha o peso de muitas vezes ser local para segurança e comida.

E sobre vencer as dificuldades, encontrar outros abordando o assunto, falando sobre suas perspectivas, demonstrando que esse monstro do armário não determina o que será nossas vidas; ter aliadas é um fator muito importante, mesmo de forma on-line. No perfil do @nicknagari são ofertados cursos que versam sobre os eixos em que ele já vem se aprofundando e um deles é o, “O ‘bi’ não é dois gêneros - a bissexualidade como quebra de um binário”. Temos o Manifesto Bissexual Brasileiro, no qual Nick foi um dos integrantes que participou para sua construção²⁴.

Para auxiliar na busca de conteúdos, no Instagram temos abas que permitem a seleção de conteúdos que os autores vão criando em seu perfil, podendo separar por temas. Nick na guia ferramentas tem uma gama de vídeos que são divididos por pastas e nós encontramos 30 publicações que falam sobre Não Binariedade; 22 publicações que foram mais virais; 30 publicações sobre bissexualidade; 12 publicações com indicação de livros bissexuais; 15 publicações sobre pronomes; 12 sobre bi e pan; 7 sobre bi de balada e 11 sobre descoberta.

Destinchando um pouco seus materiais, iremos chegar a um chamado: O que você gostaria de ter ouvido aos 15 anos? Às vezes seria tão mais fácil chegar à vida adulta sabendo o que você passaria, os erros que cometeria, as dificuldades, os choros... Isto é uma volta ao passado e poderia contar para aquela HBlynda tudo que ela passaria para estar aqui hoje. Mas tiraria dela o prazer de se arriscar, de quebrar a cara, de se corrigir, de voar mais alto. Eu só diria para ela - Você vai ter perdas muito dolorosas na sua caminhada, mas você não estará sozinha, seja forte minha princesa!

É como temos na música da drag Pablló Vittar, seja Indestrutível.

Eu sei que tudo vai ficar bem
 E as minhas lágrimas vão secar
 Eu sei que tudo vai ficar bem
 E essas feridas vão se curar
 O que me impede de sorrir
 É tudo que eu já perdi
 Eu fechei os olhos e pedi
 Para quando abrir a dor não estar aqui, mas
 Sei que não é fácil assim
 Mas vou aprender no fim
 Minhas mãos se unem para que
 Tirem do meu peito o que há de ruim
 E vou dizendo tudo vai ficar bem
 E as minhas lágrimas vão secar
 Tudo vai ficar bem
 E essas feridas vão se curar
 Eu sei que tudo vai ficar bem
 Tudo vai ficar bem
 O que me impede de sorrir
 É tudo que eu já perdi
 Eu fechei os olhos e pedi

24 Vem em: <https://www.frentebissexualbrasileira.org/p%C3%A1gina-inicial>.



Para quando abrir a dor não estar aqui, mas
 Sei que não é fácil assim
 Mas vou aprender no fim
 Minhas mãos se unem para que
 Tirem do meu peito o que há de ruim
 E vou dizendo tudo vai ficar bem
 E as minhas lágrimas vão secar
 Tudo vai ficar bem
 E essas feridas vão se curar
 Se recebo dor
 Te devolvo amor
 Se recebo dor
 Te devolvo amor
 E quanto mais dor recebo
 Mais percebo que sou indestrutível.

(Indestrutível, 2018, 38 s)

Às vezes não fica tudo bem, e se recebo dor, te devolvo amor, como na letra Pablo expressa, mas temos que continuar lutando e plantando sementes pelo caminho, na escola, família, nas políticas educacionais. Nick Thomás com três amigos desenvolve um projeto muito importante para a comunidade trans, o Projeto Quembindera, que é uma ação para doar blinder para homens trans, auxiliando na qualidade de vida destes. E deixa uma pergunta: “Quantas notícias sobre pessoas trans *vivas* você já viu hoje? Conheça narrativas trans em vida. Amanhã pode ser tarde demais!” (Thomás, 2022).

Algo que é imprescindível para todas as páginas que são foco deste trabalho, e para as que estão fora realizando um trabalho também, é o engajamento. E isso vem através de comentários, repostagem, marcações de amigues e o ato de salvar postagens. Os algoritmos estão retirando a visibilidades para determinados conteúdos, então se fortalecermos o movimento de compartilhar e comentar as postagens estaremos ajudando na manutenção da página e na sua propagação.

No perfil do Nick, vamos nos deparar com algo que não podemos fugir de problematizar em nossas análises, afinal nosso processo de formação de sociedade deu-se a partir de uma desumanização e apagamento da cultura negra e indígena, então perpassa em suas postagens esse olhar de racialização e é algo muito presente nos seus vídeos! Racializar nossas análises é muito importante! (Nascimento, C., 2021; Oliveira, 2021; Silva, 2018; Silva, 2022).

Quando pensamos sobre esse olhar de racializar nossas análises, enegrecer o nosso pensamento, é de fundamental importância ampliar nossas visões, pois a língua é viva! A língua só muda/sofre alterações por que ela é viva e as pessoas criam novas significações, palavras, novas demandas.

E seguindo de encontro a mais um perfil auto-narrativo/ pessoal, chegamos a @mardemar, que com suas ondas nos traz e leva por conteúdos diversificados, mas se atenuando para a saúde mental, como psicóloga vem através de vários reels retratar sobre seu cotidiano, mas chamando



a atenção para pensarmos sobre a saúde, fator muito atual em que percebemos que esta geração precisa ter um maior cuidado.

Neste sentido, sua figura como graduande em psicologia discutindo sobre saúde mental para pessoas trans é de muita importância, haja vista algumas problemáticas já antes discutidas sobre a hormonização e cirurgia de redesignação sexual. Em um de seus vídeos, ele pontua sobre o respeito que é tão importante para garantir o bem-estar e, a saúde mental, pois não é fácil todos os dias quando saímos para realizar alguma atividade não sermos respeitadas com no mínimo o pronome que escolhemos, a desvalidação que ocorre afeta muito o psicológico, e vai de encontro também a já citada fala de Aoi Berriel sobre a certidão ser uma validação da nossa identidade, portanto, “Respeito às nossas identidades é prevenção do suicídio, é promoção de saúde. Não existe saúde mental sem direito à dignidade” (Mar, 2021).

Dia 17 de maio é o Dia Internacional da Luta contra a LGBTfobia; dia 10 de setembro é o Dia Nacional da Luta contra a gordofobia, trago estas datas porque elas são símbolo da vida de Mar, do Nick e da minha, sendo símbolos de resistência diária. E ter seu corpo na linha de frente da produção um ativismo/rede de afetos é de suma importância para representatividade de outras que também sofrem sobre estas questões e não conhecem conteúdos para se fortalecer. Convergindo para que esta rede possa aumentar e demonstrar que um corpo gordo é possuidor de vitalidade, beleza, ser atraente, podendo ser amado e amar outros.

Visando trazer materiais para auxiliar no aprendizado sobre a Linguagem Não Binária, ele traz dicas de como usar a linguagem neutra, que são: não use pronomes; evite adjetivos genericados; use a palavra “pessoa”; não neutralize substantivos; não use o x ou @; treine com outras pessoas. São caminhos poderosos para familiarizar-se com o assunto, podendo amplificar estas dicas para outros conteúdos, como o livro “A Primavera Não-Binária: Protagonismo Trans não-binária no fazer científico”, produzido por Morgan Morgado que é não binária, e com textos de pessoas não binárias; temos também o Guia de Linguagem Neutra de Ophélia Cassiano. Estas são algumas das possibilidades de aprofundamentos, atreladas ao que as páginas também vêm a oferecer.

Uma outra discussão que vamos ver é sobre: o que é transicionar? O que é terminar a transição? é se tornar cis? chegar numa passabilidade desejada? É morrer? Questionamentos levantados para pensarmos que transicionar não é estanque, um ponto de chegada ao fim do ciclo, mas sim um corpo que estará sempre em movimento, em resignificação. A era farmacopornografica de Paul B. Preciado nos traz essas questões, esse corpo que é atravessado pelos medicamentos, hormônios, corpo como tecnologia.



Desta forma, é lançada uma pergunta: nascemos trans ou nos tornamos trans? Mas ressignifica a frase de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se”, e nos traz o pensamento de que as identidades e corpos são feitos e fabricados, nada é natural, somos corpos ciborgues (Haraway, 2013) mas era de “cis-perar” argumentos de base ideológica a discussão sobre “homem é quem tem pênis e mulher é quem tem vagina”, tornando-se a base biológica um caráter fundacional para a construção das relações.

A partir dessas análises inquiridas nas páginas e perfis auto narrativo/pessoal pudemos conhecer um pouco do que tenho denominado por Movimento Não Binário, mas também é necessário dizer que a busca não se encerra nestes perfis e que durante a pesquisa encontrei mais alguns que auxiliam na construção deste movimento, sendo estes: Coletiva Madame Satã (Pernambuco); Articulação Brasileira Não-Binária (ABRANB); Associação Brasileira de Não Binários; CATS; Coletivo Nb da Paraíba; Coletivo Intertransvestigênera Xica Manicongo - USP; Coletivo Não Binário CWM (Curitiba); Desvio Coletivo; Núcleo de Transmasculinidades da Família Stronger; Núcleo Não-binário da Aliança; Núcleo Não-binário do IBRAT; Recursos Trans; Red No Binaries Abya Yala/ Latinoamericana e Território Não-binário.

As páginas analisadas demonstraram o quanto o Movimento Não Binário tem se constituído e construído paulatinamente, ganhando espaço, aprofundando caminhos e dizendo que iremos passar sem pedir licença. As redes de ativismo/afetos evidenciam que essas Histórias Não Binárias existem e constituem parte da História da Não Binariedade. Percebemos fortemente como bem foi observado, uma resistência para com a pauta de vidas da comunidade não binária, se utilizando do discurso de dificuldade ou má compreensão, mas estamos produzindo justamente esses materiais para que ouçam cada vez mais falar, leiam conteúdos e haja uma propagação do assunto.

Na página @coletivonaobinarie foi possível perceber uma ampla discussão em sistematizar importantes conteúdos em torno da Semana de Arte Não Binária, Dia do Orgulho LGBTQIA+, colocando não binários para falar de suas realidades, construindo alicerces ao Movimento Não Binário.

Dentro das questões para possibilitar a visualização de outras histórias não binárias encontramos na página @reexistenciaobinaria uma aproximação do público com aqueles que podem acessar e conhecer um pouco mais das variadas vivências não binárias e a diversidade de pessoas que a constituem. Numa forma mais descontraída vamos achar a página @sernaobinario com as charges e quadrinhos, utilizando da sátira e do espaço para provocar discussões sobre as corpos que são desertoras do gênero.

Já ambos os perfis auto narrativo/pessoal de @nicknagari e @mardemar trazem uma



reflexão de histórias não binárias que atravessam seus criadores na ordem do dia a dia, no contato mais próximos com vídeos e reels com as pessoas que acessam as redes do Instagram, e fazem dela local de aprendizagens e troca de conhecimentos.

Com isso, este artigo deseja gerar uma pane ao CISTema, o positivo se conecta com o seu oposto, fazendo desse “curtoCIScuito” combustão para evocar as dissidências. Desprogramando alguns comandos e possibilitando a existência de outros, para que haja um desmantelamento das ordens vigentes.

Referências

- ADMIRAVEL Chip Novo. Intérprete e Compositor: Pitty. *In: ADMIRÁVEL Chip Novo. Intérprete e Compositor: Pitty.* Rio de Janeiro: DeckDisc, 27 set. 2006. 1 vídeo (3 min 26 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aXJ_Ub1xbhw. Acesso em: 13 jan. de 2022.
- AMANDA. Sobre não-binariedades, autodeterminação, produção de conhecimento e contra-hegemonias. *Revista Estudos Transviades*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 144-149, 2021. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/2021/12/08/revista-estudos-transviades-v-2-n-4-2021-2/>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- ANDRADE, L. N. de. *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa.* 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600>. Acesso em: 15 jan. de 2022.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 15 jan. de 2022.
- BALTHAZAR, G. da S. Crianças viadas e o deslugar do gênero na escola: notas para um feminismo cor de ar. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, e69557, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/X8h4tk9PtNSydMDst83sHch/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 de out. de 2021.
- BENEVIDES, B. G. (org.). *Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2022.* Brasília, DF: ANTRA, 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em: 20 out. de 2021.
- BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/GYT43pHGkS6qL5XSQpDjrj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 out. de 2021.
- BORGES, D. H. da S. Indígenas Trans? Da América do norte à América do Sul, um trajeto inicial de pesquisa. *In: MORGADO, M. (org.).*



A primavera não-binarié: protagonismo trans não-binarié no fazer científico. Florianópolis: Rocha, 2021. (Selo Nyota).

BUTLER, J. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASSIANO, O. Guia de Linguagem Neutra. *Medium*, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>. Acesso em: 13 jan. de 2022.

DIAS, C. *Análise do discurso digital*: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

ESPECIAL Dia da Visibilidade Trans: saiba quais são as unidades do SUS que realizam hormonioterapia e cirurgia de redesignação sexual. *Agência AIDS*, São Paulo, 29 jan. 2021. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/especial-dia-da-visibilidade-trans-saiba-quais-sao-as-unidades-do-sus-que-realizam-hormonioterapia-e-cirurgia-de-redesignacao-sexual/#:~:text=At%C3%A9%20o%20momento%2C%20de%20acordo%20com%20o%20Minist%C3%A9rio,Hospital%20Universit%C3%A1rio%20Pedro%20Ernesto%2C%20no%20Rio%20de%20Janeiro>. Acesso em: 02 fev. de 2022.

FIGUEIREDO, C.; MALVEZZI, P. Brasil tem 34 projetos de lei para impedir uso da linguagem neutra. *Diadorim*, São Paulo, 18 dez. 2021. Disponível em: <https://www.adiadorim.org/noticia/brasil-tem-34-projetos-de-lei-estadual-para-impedir-uso-da-linguagem-neutra>. Acesso em: 03 fev. de 2022.

FIGUEIREDO, G. A. de. *Reflorestando*: pertencimento indígena na cidade e percursos contracoloniais na graduação em psicologia. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - Instituto de Ciências Sociais e Filosofia, Faculdade de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021. Acesso em: 05 de fev. de 2022.

HARAWAY, D. J. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (org.). *Antropologia do ciborgue*. As vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HARTEMANN, G. Nem ela nem ele: por uma arqueologia (Trans) além do binário. *Revista de Arqueologia Pública*, Campinas, v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8654589>. Acesso em: 15 jan. de 2022.

IDADE mínima para terapia hormonal de transição de gênero cai para 16 anos. *CartaCapital*, [s. l.], 9 jan. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/idade-minima-para-terapia-hormonal-de-transicao-de-genero-cai-para-16-anos/>. Acesso em: 20 jan. de 2022.

INDESTRUTÍVEL. Intérprete: Pablio Vittar. Compositores: Arthur Pampolin Gomes, Pablo Luiz Bispo, Rodrigo Pereira Vilela Antunes. In: VAI PASSAR mal. Intérprete: Pablio Vittar. Vário Compositores. [S. l.]: BMT Produções Artísticas, 10 abr. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/O8B72HzTuww>. Acesso em: 20 out. de 2021

INSTITUTO INTERNACIONAL SOBRE RAÇA, IGUALDADE E



DIREITOS HUMANOS. *A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas*. Rio de Janeiro: Revista Estudos Transviados, 2021. Disponível em: <https://revistaestudostransviados.wordpress.com/relatorio-transmasculinidades/>. Acesso em: 30 abr. de 2022.

JACKSON, D. *Dominique Jackson at the 23rd Annual HRC National Dinner 2019*. [S. l.: s. n.], 1 out. 2019. Publicado pelo canal Human Rights Campaign. 1 vídeo (8 min 29 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DhjxDgdB24U>. Acesso em: 30 abr. 2022.

JESUS, J. G. de; ALVES, H. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. *Cronos*, Natal, v. 11, n. 2, p. 8-19, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/index.php/cronos/article/view/2150/pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

KILOMBA, G. *A máscara. Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 16, p. 171-180, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286>. Acesso em: 20 out. de 2021.

LEAL, D. T. B. *Fabulações travestis sobre o fim*. Conceição/Conception, Campinas, SP, v. 10, n. 00, p. e021002, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8664035>. Acesso em: 19 jul. 2021.

LERAY, W. Aoi Berriel é a primeira pessoa não-binária do Rio a mudar certidão de nascimento. *Catraca Livre*, [s. l.], 21 set. 2020. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/aoi-berriel-e-a-primeira-pessoa-nao-binaria-do-rio-a-mudar-certidao-de-nascimento/>. Acesso em: 15 fev. de 2022.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUGONES, M. Rumo a um Feminismo Descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb>. Acesso em: 30 out. de 2021.

LUSTOSA, T. Manifesto traveco-terrorista. *Revista Concinnitas*, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 384-409, 2016. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/25929>. Acesso em: 10 de ago. de 2021.

MARANHÃO FILHO, E. M. de. Apresentando conceitos nômades: entregêneros, entremobilidades, entresexos, entreorientações. *História Agora*, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 17-54, 2012.

MELO, I. *Linguagem desruptiva: parte 01- fundamentos da linguagem não-binária*. Medium, [s. l.], [2021]. Acesso em: <https://nuqueer.medium.com/linguagem-disruptiva>. Acesso em: 30 abr. 2022.

MOMBAÇA, J. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MONTEIRO, N.; RODRIGUES, M.; FERNANDES, R. *Linguagem não binária: potências, limites e caracterização*. Brasil: Abralín, 31 mar. 2021. Publicado pelo canal ABRALIN. Youtube: @Abralín. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aTY0B12uf2Q>. Acesso em: 30



abr. 2022.

MORAIS, H.; SOUZA, R.; SILVA, J. G. F. da. Direito tem, quem direito anda? Mulher: Protagonista de sua História. In: SEMINÁRIO INSTITUCIONAL DA UPE, 5.; SEMINÁRIO PIBID E RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA, 1., Garanhuns, 2019. *Anais [...]*. [S. l.]: Doity, 2019. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/seminariopibidrp/trabalho/131404>. Acesso em 30 out. 2021

MULHER trans pernambucana morre após incêndio em clínica de São Paulo. *Jornal do Commercio*, Recife, 22 fev. 2021. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/brasil/2021/02/12032824-mulher-trans-pernambucana-morre-apos-incendio-em-hospital-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 23 fev. de 2021.

NÃO DEITO pra nada. Intérpretes e compositores: Rico Dalasam e Dinho Souza. [S. l.]: Elixir Entretenimento, 29 mar. 2018. 1 vídeo (3 min 45 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k21jEspPn10>. Acesso em: 03 mar. de 2022.

NASCIMENTO, L. Carta aos meus agressores: com amor, Leticia. *Nohs Somos*, [s. l.], 8 mar. 2021. Disponível em: <https://nohssomos.com.br/2021/03/08/carta-aos-meus-agressores-com-amor-leticia/>. Acesso: 30 abr. de 2022.

NASCIMENTO, L. C. P. de. *Transfeminismo (Feminismos Plurais)*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, T. *Estereótipo*. [201-?]. Poema não publicado.

OLIVEIRA, M. R. G. de. *O diabo em forma de gente: (r) existência de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Salvador: Devires, 2021.

OSTRUCAL, D.; MARTIGNAGO, L.; AVENCOURT, LUÍSA.; MONTEIRO, NAI.; FACCIOLLA, M. Linguagem Não Binária desestabiliza as normas e propõe uma maneira mais inclusiva de comunicação. [Entrevista cedida a] Anna Ortega. *Jornal da UFRGS*, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/linguagem-nao-binaria-desestabiliza-as-normas-e-propoe-uma-maneira-mais-inclusiva-de-comunicacao/>. Acesso: 30 abr. de 2022.

PACHECO, B.; BARBOZA, Á. H.; MEIRA, C. S. Por uma linguagem não binária: Algumas reflexões sobre o ensino de gramática na sala de aula. In: SEMINÁRIO NACIONAL 9.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E PRÁXIS EDUCACIONAL, 5., Vitória da Conquista, 2021 *Anais [...]*. Vitória da Conquista: UESB, 2021.

PANDOLFO, A.; GARCIA, T.; NOVAIS, F.; ROCHA, R.; PEREIRA, T. *Autobixografia*. Brasil: Transe, 11 ago. 2020. Youtube: @Transe. Publicado pelo canal Transe. Disponível em: <https://youtu.be/BUmNgQZULiU>. Acesso em: 01 ago. de 2021.

PARTENOS, T. A. Encontro de Clio com Hermafrodite. In: MORGADO, M. (org.). *A Primavera Não-Binarié: protagonismo trans não-binarié no fazer científico*. Florianópolis: Rocha, 2021. (Selo Nyota).



PERDÃO. Intérprete: Maria Bomani. Compositor: Anderson Nem. São Paulo: Sony Music. 11 out. 2019. 1 vídeo (4 min 3 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lKrZ_aVGwUU. Acesso em: 30 out. de 2021.

QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUINALHA, R. *Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. (Coleção Arquivos da repressão no Brasil).

REGINA, E.; VIANNA, C. P. Quando e como usar entrevistas por email: reflexões com base em pesquisa sobre assexualidade. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, e192012, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/LhXJhKjpTYrRcTXn5HDXZB/>. Acesso em: 06 nov. de 2021.

SANTOS, D. L. L. dos. “*Sobrevivi para contar*”: experiências escolares transgêneras na educação de jovens, adultos e idosos (EJAI). 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43662>. Acesso em: 15 ago. de 2021.

SANTOS, K. N. T.; VIEIRA, N. B. A.; SILVA, J. G. da F. e. O Heteroterrorismo e as dissidências de gênero e sexual no espaço escolar. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 153-168, 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/12170>. Acesso em: 02 fev. de 2022.

SEFFNER, F. Ensino de História e suas práticas de pesquisa. capítulo. In: ANDRADE, J. A. DE.; PEREIRA, N. M. (org.). *É raro, mas acontece muito: aproximações entre ensino de História e questões em gênero e sexualidade*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2021. *Ebook*. p. 422-437.

SILVA, A. A. da. *Damas de paus: atravessamentos afetivos sobre representatividade trans e travesti na música brasileira d’as bahias e a cozinha mineira*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8222378. Acesso em: 15 ago. de 2021.

SILVA, J. G. da F. e. Lugones e o escurecer do ensino de história. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 1, e85047, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/srT5vcMQpLXs9jgMGWytB8k/>. Acesso em: 20 abr. de 2022.

SILVA, R. Mito e o Ensino de História e Cultura Indígena em perspectiva decolonial. *Fronteiras: revista catarinense de história*, n. 31, v. 1, 2018. Acesso em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/article/view/10560/6045>. Acesso em: 15 ago. de 2021.

SIMAKAWA, V. V. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://>



repositorio.ufba.br/handle/ri/19685. Acesso em: 20 out. de 2021.

SUPERHOMEM, a Canção. Intérprete e Compositor: Gilberto Gil. *In: Realce*. Intérprete e compositor: Gilberto Gil. Rio de Janeiro: Gege Producoes Artisticas, 1979. 1 vídeo (4 min 7 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5spWQoG2FQQ>. Acesso em: 02 fev. de 2022.

YORK, S. W.; GONÇALVES JUNIOR, S. W. P.; OLIVEIRA, M. R. G.; BENEVIDES, B. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 3, e75614, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/D5Mthwz5BKTKhX8JTWgJjbd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. de 2022.

ZAMBONI, J. P. *Escrevivência Não Binária*. [S. l.: s. n.], 2021. Ebook. Publicação feita de forma independente pelo autor.

Links dos materiais das páginas no Instagram

@Coletivotransnaobinarie

<https://www.instagram.com/p/CMMq7B9pBaX/?igsh=MTA4cWlzd2ZkYmU0bw==>
<https://www.instagram.com/p/CDzicycpNOi/?igsh=MWozd2s1NnVzMmttbQ==>
<https://www.instagram.com/p/CMNmyrsJmx1/?igsh=d3B5aTduNGx5YXU0>
https://www.instagram.com/p/CM23_BjpbNu/?igsh=djBvZW1qNWxqNmtP
<https://www.instagram.com/p/CRMUrgOHQcS/?igsh=MTRvZzZ6ZXhtb2Jzbw==>
<https://www.instagram.com/p/CRmpYqdHG0C/?igsh=MTY3cGxreXZvMnJ6cQ==>

@Rexistencianaobinaria

<https://www.instagram.com/p/BXg3dzLH8xs/?igsh=ZDduaXA0dnltcGpl>
<https://www.instagram.com/p/CC6MHk2n-3q/?igsh=MXR4Z2VjM3duZGhqcw==>

@Sernaobinario

<https://www.instagram.com/p/B3-S5EQANGD/?igsh=MWVneWlkaG54MmgxMw==>
<https://www.instagram.com/p/CFc5Ql4nkhH/?igsh=cmxyYXNjbcxOHlr>

Perfis Auto-narrativo/pessoal

@Nicknagari

<https://www.instagram.com/p/Cb0atLKJuUd/?igsh=Y3Y0eWtpcHYzblj6>
<https://www.instagram.com/tv/Cbyd1NyJ2j-/?igsh=OHpkajNxaHFveHA5>
<https://www.instagram.com/p/CZUh7OBFc9B/?igsh=ajJubHV1dG03djcx>
<https://www.instagram.com/p/CLxi6kVpbyp/?igsh=bXRiYTdoZ2FqamYx>
https://www.instagram.com/p/CBwr_0gJaUs/?igsh=MXkwYmh2dGRqYWxrZQ==



<https://www.instagram.com/p/CEAcDGupT7P/?igsh=YWQ0d3A5YTJwaWts>
<https://www.instagram.com/reel/CWcFEpcp-0s/?igsh=bmx5YW9ndmw2NWxl>

@Mardemar.nb

<https://www.instagram.com/p/B69MVnkHNR3/?igsh=MTBuOXN6dnVyYm1hdA==>
<https://www.instagram.com/p/CAs179RngdU/?igsh=MXBmbmczcW1wNDE2eQ==>
<https://www.instagram.com/p/CMfnLRUH-Bb/?igsh=MWxqc3FzY2ZyazI0aQ==>
<https://www.instagram.com/p/CYkkvpINOea/?igsh=MXAwN2ZjaW9uYTdmeg==>
https://www.instagram.com/p/CR_wN5kHHf_/?igsh=MWd1ZjU4ZnBiYWMyeA==

